

VARIAÇÃO VOCÁLICA DAS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS FALADO NA CIDADE DE BELÉM (PA)

UNSTRESSED MID VOWEL VARIATION IN BRAZILIAN PORTUGUESE SPOKEN IN BELEM (PA)

Regina Cruz*
Josivane Sousa**

Resumo: Este artigo trata da variação das vogais médias pretônicas no português falado no município de Belém (PA). Para isso, tomou-se como método de análise os pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972). Para a realização do presente estudo, foram submetidos ao programa *Varbrul* um total de 1.434 dados de 48 informantes pertencentes a uma amostra estratificada em sexo, escolaridade e faixa etária. Os resultados fornecidos pelo programa mostraram que, na área urbana da capital paraense, predomina a manutenção das vogais médias fechadas pretônicas. Os grupos de fatores selecionados como favorecedores da manutenção foram os seguintes: a) fonema vocálico da sílaba tônica tanto no caso de pretônica oral quanto nasal ou nasalizada; b) distância da vogal pretônica para a sílaba tônica; c) sufixos; d) consoante do *onset*; e) peso silábico em relação à sílaba da variável dependente; f) escolaridade do informante e; g) faixa etária.

Palavras-chave: Vogais pretônicas; Variação fonológica; Português Brasileiro; Projeto PROBRAVO.

Abstract: This work deals with mid vowel variation in unstressed (pretonic) vowel. We analyze this kind of vowel in Brazilian Portuguese spoken in Belem, Pará, northern Brazil. The corpus is formed by 1.434 data from 48 native speakers stratified by sex, age and school level. The results show that the mid variant is more frequent than the high and low variants in the Portuguese language spoken in the urban area of the city. The factor groups that condition the mid vowel in unstressed syllable production are: a) vowel in stressed syllable; b) distance between stressed and unstressed syllable; c) suffix; d) *onset* consonant; e) syllabic weight; f) school level and g) age.

Keywords: Unstressed vowel; Phonological variation; Brazilian Portuguese; PROBRAVO project.

Introdução

O presente artigo compreende uma descrição de caráter variacionista das vogais médias pretônicas - /e/ e /o/ - no português falado na cidade de Belém (PA), com base

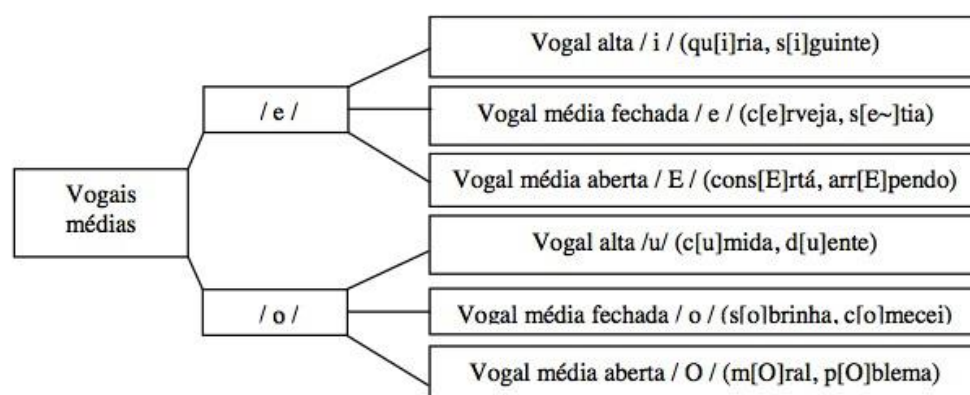
* Doutora pela Universidade d'Aix-Marseille I (2000), Professor Associado II da UFPA (desde 1995) e Pesquisadora do CNPq-PQ2 (desde 2009), membro da equipe do Projeto Internacional AMPER e do Diretório Nacional PROBRAVO (ambos desde 2007).

** Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Pará (2010). Soldado da Polícia Militar do Estado do Pará.

em amostra estratificada. Mais especificamente, analisa-se quantitativamente a variação das vogais médias pretônicas, de forma a verificar quais fatores linguísticos e extralinguísticos determinam o fenômeno em questão.

Neste estudo, elegemos como variável dependente a variação das vogais médias pretônicas - /e/ e /o/ - no português falado na área metropolitana da cidade de Belém, considerando três variantes possíveis: alta, média fechada, média aberta. A Figura 1 abaixo ilustra o conjunto de variantes consideradas no presente estudo.

Figura 1 – A variável dependente – vogais médias /e/ e /o/ - e seu respectivo conjunto de variantes¹



Fonte: SOUSA (2010, p. 54)

Na região Norte, os estudos sobre as vogais átonas foram impulsionados com a entrada da UFPA no grupo PROBRAVO². Antes da existência do grupo, tem-se o registro de raros estudos sobre o tema na variedade do português falado na Amazônia paraense (NINA, 1991; FREITAS, 2001).

Optamos por estruturar o artigo iniciando com uma apresentação de um panorama dos estudos realizados sobre as vogais médias pretônicas na variedade linguística do português falado na capital paraense (Seção 2); em seguida, descrevemos os procedimentos metodológicos utilizados para a realização do presente estudo, desde a apresentação da comunidade investigada até o tratamento dos dados (Seção 3).

¹ Utilizam-se aqui os símbolos fonéticos do alfabeto SAMPA para a transcrição fonética das variantes (<http://www.phon.ucl.ac.uk/home/sampa/portug.htm>).

² Trata-se do diretório de pesquisa nacional Descrição Sócio-Histórica das Vogais do Português (do Brasil), coordenado pelo Dr. Marco Antônio de Oliveira (PUC-MG) e Dr. Seung-Hwa Lee (UFMG) e do qual fazem parte 19 outras instituições nacionais, além da UFPA e da própria UFMG que sedia o projeto. Para maiores detalhes, consultar <<http://www.geocities.com/probravo/>>.

Encerramos o artigo com a descrição dos resultados obtidos após a rodada dos 1.434 dados no programa *Varbrul* (Seção 4).

1 As vogais médias pretônicas na variedade belenense

Registram-se na literatura sobre o assunto quatro trabalhos sobre a variedade linguística do português falada em Belém: a) o estudo pioneiro de Nina (1991); b) o estudo sobre a área insular da capital paraense (CRUZ et al., 2008); c) o trabalho de Razky e Santos (2010); e d) as dissertações de mestrado de Santos (2009) e de Sousa (2010).

O trabalho pioneiro de Nina (1991) compreende uma pesquisa de cunho variacionista que teve como objeto de estudo o comportamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ em contexto interconsonântico, tendo em vista os fenômenos do alteamento e do abaixamento. O *corpus* constituiu-se de amostra de trinta entrevistas livres coletadas nos anos de 1989 e 1990 em oito bairros de Belém. Cerca de 4.492 ocorrências do fenômeno foram submetidas ao programa de análise linguística *Varbrul*. Os resultados de Nina (1991) mostraram que há uma tendência à manutenção de /e/ e /o/ como médias fechadas na variedade belenense.

Nina (1991) observou também que tanto o alteamento quanto o abaixamento em posição pretônica, na variedade belenense, não constituem estigma social. Nina (1991) constata, por último, um equilíbrio entre a manutenção, o alteamento e o abaixamento no falar belenense.

Depois de Nina (1991), outros estudos também de caráter variacionista se sucederam. Em particular, destacaremos os resultados obtidos pela equipe do PROBRAVO na UFPA, a saber: Sousa (2010) e Cruz et al. (2008). Registram-se igualmente os trabalhos de Santos (2009) e Razky e Santos (2010) que tiveram como base os dados do projeto ALIB³.

Dezessete anos depois do trabalho de Nina (1991) tem-se o estudo realizado por Cruz et al. (2008), ligado ao projeto PROBRAVO, que teve como objetivo investigar a variação das vogais médias pretônicas na parte insular do município de Belém. O *corpus* constituiu-se de dados de entrevistas de 24 (vinte e quatro) informantes estratificados segundo o sexo, a faixa etária e a escolaridade.

³ Projeto Nacional Atlas Linguístico do Brasil.

Os 1.496 dados obtidos foram submetidos à análise quantitativa no programa *Varbrul* que forneceu os seguintes resultados: há predomínio da não aplicação da regra de alteamento (0,53); quando ocorre o alteamento das vogais médias pretônicas, o mesmo se dá por um claro processo de harmonização vocálica, uma vez que este será favorecido pela presença de vogal alta /i/ ou /u/ na sílaba tônica (0,72 e 0,73, respectivamente); quando a presença de vogal alta na sílaba tônica é somada à nasalidade, a probabilidade da ocorrência do fenômeno sobe para valores quase categóricos (0,97).

Outro fator favorecedor dos casos de alteamento no falar da Belém insular é a contiguidade da vogal em relação à sílaba tônica, assim como o *onset* vazio tanto na sílaba da pretônica-alvo quanto na sílaba seguinte. De acordo com Cruz et al. (2008), o *onset* vazio e a consoante labial foram os fatores mais favorecedores de alteamento no falar das ilhas de Belém.

Dos fatores sociais controlados, o programa selecionou a escolaridade e a faixa etária como significantes, já que os resultados mostraram que, quanto menor a escolaridade do informante, maior a probabilidade de ocorrência do fenômeno. O grupo de fatores referente à faixa etária mostrou que os informantes mais velhos tendem a realizar mais alteamento em relação aos falantes mais jovens. Assim sendo, concluiu-se que o fenômeno do alteamento das médias pretônicas no português falado nas ilhas de Belém encontra-se estável.

Santos (2009) e Razky e Santos (2010) destoam um pouco dos estudos anteriores por duas razões: a) consideram apenas a vogal anterior /e/ em seu estudo e; b) não observam o fenômeno apenas na variedade do português falado em Belém, mas em cinco outros municípios que compreendem a rede de pontos do ALIB. O objetivo, geolinguístico e sociolinguístico (Geossociolinguístico), é o de observar o comportamento de fatores linguísticos, sociais e geográficos, envolvidos na análise da variável </e/>.

A amostra utilizada por Santos (2009) e Razky e Santos (2010) compreendeu 22 (vinte e dois) informantes ao todo, estratificados socialmente em sexo, faixa etária e procedência. No caso específico de Belém, o estudo analisou dados provenientes de 4 (quatro) informantes, sendo 2 (dois) do sexo masculino e 2 (dois) do sexo feminino, pertencentes às faixas etárias entre 18-30 e 50-65 anos, todos de baixa escolaridade.

Os dados referentes à análise da variável </e/> foram extraídos tanto de questionários – fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático – quanto de amostras de discursos semidirigidos do projeto ALIB. O *corpus* foi formado por 1.747 ocorrências da vogal média anterior em posição pretônica, em estruturas silábicas do tipo CV e CVC no início e meio de palavras, como em 's[e]guinte' e 's[e]rvi'.

Os autores procederam a uma análise ternária no programa *Varbrul* para apurar simultaneamente o efeito dos grupos de fatores em relação a cada uma das variantes – alta, média e baixa – da variável </e/>. Dentre as variantes [i], [e] e [e], os autores verificaram, no caso específico do português falado na capital paraense, uma preferência pela variante média alta - [e] - em 47% das ocorrências, regra amplamente favorecida pelo processo de assimilação desencadeado pela vogal da sílaba imediatamente seguinte.

Além desses três trabalhos citados, temos o de Sousa (2010) que investigou a variação das médias pretônicas no português falado na área urbana da cidade de Belém e cujos procedimentos e resultados são utilizados para compor o presente artigo.

2 Metodologia

Por se tratar de um estudo variacionista, Sousa (2010) atentou para todos os procedimentos metodológicos exigidos, delimitou a comunidade linguística a ser investigada, constituiu uma amostra representativa e formou um *corpus* contendo um número importante de ocorrências do fenômeno que permitiu submissão dos mesmos ao tratamento quantitativo no programa *Varbrul*, como pode ser constatado nos itens que seguem.

2.1 Amostra

A amostra utilizada para a realização deste trabalho constitui-se de 48 (quarenta e oito) relatos de entrevistas selecionados no banco de dados do Projeto Norte Vogais (CRUZ, 2012). São relatos coletados de informantes pertencentes a uma amostra estratificada, em que se controlam as seguintes variáveis: faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 45 anos e 46 anos em diante), sexo e grau de escolaridade (não escolarizados, ensinos Fundamental, Médio e Superior).

2.2 Tratamento dos Dados

Definida a amostra, passou-se à transcrição grafemática dos sinais sonoros, seguindo a proposta de Castilho (2003). Após esta transcrição, foi realizada a triagem dos turnos de fala contendo as ocorrências da variável dependente. Da triagem dos grupos de força, foram obtidos 2.229 dados.

Como já mencionado acima, neste trabalho entendemos como variável dependente a variação das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no português falado na zona urbana de Belém, considerando três variantes possíveis: vogal alta, vogal média fechada, vogal média aberta.

Na tentativa de explicar qual das três variantes – alta, média fechada, média aberta – tem maior probabilidade de ocorrência no português falado em Belém, elegemos catorze grupos de fatores para compor o arquivo de especificação a ser utilizado no pacote de programas *Varbrul*, sendo o primeiro deles a variável dependente, presente na Figura 1, e os demais sendo dez fatores linguísticos e três fatores extralinguísticos. Os grupos de fatores linguísticos controlados foram os seguintes:

- a) **natureza da vogal-alvo:** anterior, posterior;
- b) **fonema vocálico da sílaba tônica quando a pretônica é oral:** [i], [e], [E]⁴, [a], [O], [o], [u].
- c) **fonema vocálico da sílaba tônica quando a pretônica é nasal ou nasalizada:** [i~], [e~], [a~], [o~], [u~]
- d) **vogal contígua à sílaba pretônica;**
- e) **distância da vogal pretônica para a sílaba tônica:** distância 1, distância 2, distância 3;
- f) **atonicidade;**
- g) **sufixos:** com vogal alta, sem vogal alta, sem sufixo;
- h) **consoante do onset:** coronal, dorsal, labial, *onset* vazio e *onset* ramificado;
- i) **consoante do onset da sílaba seguinte:** coronal, dorsal, labial, *onset* vazio, *onset* ramificado;
- j) **peso silábico em relação à sílaba da variável dependente:** leve e pesada.

⁴ Como já assinalado anteriormente, utilizamos aqui o alfabeto SAMPA na transcrição fonética dos dados.

Os fatores sociais controlados são os mesmos utilizados para a formação da amostra: Faixa Etária, Sexo e Escolaridade.

Na primeira parte do trabalho, foram tratados 2.229 dados em uma análise binária na qual se verificou Presença vs. Ausência de alteamento. Porém, essa análise não foi suficiente, uma vez que se precisava verificar a proporção entre vogais altas, vogais médias fechadas e vogais médias abertas. Sendo assim, partiu-se para uma análise ternária a fim de verificar qual das variantes tinha maior ocorrência. Optou-se, ainda, por excluir as ocorrências de vogais com travamento em /N/ e /S/ em sílabas iniciais - como em /e/scola, /e/mpregado, /e/ntão, /e/nxerguei - e as ocorrências com monotongação - como em d[e]xei, al[e]jado.

Assim como fez Nina (1991), não foram selecionadas as ocorrências de ditongos, como em *ac/ei/tô, c/oi/tado*, nem as com prefixos, “porque essas vogais apresentam peculiaridades que sugerem suas análises separadas da análise das demais pretônicas internas” (NINA, 1991, p. 70). Desta forma, o *corpus* final contou com 1.434 ocorrências de vogais médias pretônicas, obtendo-se 884 células.

3 A tendência das vogais médias pretônicas no português falado na capital paraense

Eis, portanto, os resultados referentes à variável dependente, o objeto de estudo em si, bem como os resultados referentes às variáveis independentes, que se constituem de fatores linguísticos e extralinguísticos que podem indicar o que determina a realização da variável mais frequente no português falado na área urbana de Belém.

3.1 Variável dependente

Primeiramente, apresentamos os percentuais de ocorrências e a natureza das vogais médias pretônicas do português falado na área urbana da cidade de Belém. A Tabela 1 abaixo mostra que, no referido dialeto, a maior ocorrência é de vogais médias fechadas, tanto anteriores (47%) quanto posteriores (44%), o que justifica falar de ambas sem discriminar o que acontece com a anterior e com a posterior.

Tabela 1 – Percentual de ocorrências das variantes das vogais-alvo no português falado na área urbana da cidade de Belém. Total de 1.434 dados

Variável dependente e natureza da vogal pretônica	Anteriores	Posteriores
Vogais altas	36%	37%
Vogais médias fechadas	47%	44%
Vogais médias abertas	17%	19%

Fonte: SOUSA (2010, p. 60)

Segundo esses resultados, a manutenção das vogais pretônicas é predominante no dialeto em questão, o que também pode ser comprovado pelos pesos relativos da variável dependente que foram de **0,819** para vogais médias fechadas, de **0,124** para vogais altas e de **0,057** para vogais médias abertas, como mostra a Tabela 2 referente à variável dependente.

Tabela 2 – Percentual e probabilidade de ocorrência de vogais médias fechadas, vogais altas e vogais médias abertas em posição pretônica. Total de 1.434 dados

Variável dependente	Exemplos	Aplicação	Percentual	Peso relativo
Vogal alta	m[i~]nino, c[u]ruja	519/1434	36%	0,124
Vogal média fechada	f[e]liz, c[o]mida	658/1434	46%	0,819
Vogal média aberta	m[e]rcadoria, [o]rdenou	257/1434	18%	0,057

Fonte: SOUSA (2010, p. 61)

Observamos que, tanto em termos de aplicação quanto de percentual e de probabilidade, são as vogais médias fechadas que predominam no falar da capital paraense. Em seu estudo, Nina (1991) também verificou que havia uma tendência à preservação das vogais pretônicas como médias no português urbano de Belém, e que havia equilíbrio entre manutenção, alteamento e abaixamento, porém, o equilíbrio observado em Nina (1991) já não se apresenta como tal, uma vez que os dados de Sousa (2010) mostram uma probabilidade maior de manutenção do que a de alteamento, e bem maior ainda do que a probabilidade de abaixamento.

Cruz et al. (2008), contrastando presença e ausência de alteamento nas ilhas de Belém, comprovou que, nessa área, também há maior tendência à manutenção das vogais médias pretônicas, uma vez que os pesos relativos foram de **0,53** para ausência e de **0,48** para presença de alteamento.

Razky e Santos (2010) encontraram um percentual de 47% de realização de vogal média fechada para a vogal anterior em seus dados do falar belenense e esses resultados

corroboram a afirmativa de Câmara Jr. (1969) de que, em posição pretônica, prevalecem então as vogais médias fechadas, e confirmam o exposto por Celia (2004) de que o fenômeno de variação das vogais médias pretônicas ocupa uma posição de destaque no português do Brasil, no entanto, registra-se uma preferência pelas variantes médias fechadas, com exceção da variedade de Salvador.

3.2 Variáveis independentes

Como mostrado pelos resultados fornecidos pelo *Varbrul*, as vogais médias pretônicas realizam-se como médias fechadas na maioria dos casos (46%). Assim, apresentaremos os dados referentes aos fatores que favorecem a manutenção das vogais médias pretônicas no português falado na cidade de Belém, conforme exposto no item 4.1. Dos treze grupos de fatores elencados no arquivo de especificação, oito deles foram selecionados como favorecedores da manutenção, sendo seis grupos de fatores linguísticos e dois de fatores sociais.

4.2.1 Fonema vocálico da sílaba tônica quando a pretônica é oral

Neste grupo de fatores identifica-se qual a vogal da sílaba tônica que mais favorece a manutenção quando se tem pretônica oral. Segundo os resultados obtidos, a presença de vogal média fechada na sílaba tônica favorece a manutenção da pretônica, pois as vogais médias fechadas – [o], [e] – apresentaram maior peso relativo – 0,89 e 0,70, respectivamente -, sendo a presença da vogal média posterior a que mais apresentou probabilidade de favorecimento. A manutenção também se mostra forte diante de vogais tônicas altas, pois a probabilidade de manutenção diante das vogais [u] (0,62) e [i] (0,52) demonstra que o fenômeno do alteamento não é uma tendência no dialeto da capital paraense, uma vez que, mesmo em contexto favorecedor de alteamento por harmonia vocálica, a probabilidade de manutenção é significativa, conforme se pode observar na Tabela 3 a seguir.

Tabela 3 – Percentual e probabilidade de manutenção das médias pretônicas considerando o fonema vocálico da sílaba tônica quando a pretônica é oral

Fonema vocálico da sílaba tônica	Exemplos	Aplicação	Percentual	Peso relativo
[o]	inf[e]rior, g[o]vernador	97/112	87%	0,89
[e]	c[e]rveja, s[o]freu	192/294	65%	0,70
[u]	p[e]rgunta, pr[o]stituta	15/27	56%	0,62
[i]	d[e]stino, n[o]tícia	192/427	45%	0,52
[a]	c[e]lular, g[o]vernantes	66/259	25%	0,22
[o]	mis[e]ricórdia, pal[e]tó	2/22	9%	0,11
[e]	r[e]cupero, b[o]feti	2/39	5%	0,07

Fonte: SOUSA (2010, p. 64)

Considerando os resultados de estudos sobre presença e ausência de alteamento, podemos dizer que as variantes que desfavorecem o alteamento são aquelas que colaboram para a manutenção das vogais médias pretônicas. Assim, observa-se em Campos (2008) que as vogais /e/ e /o/ tônicas apresentaram desfavorecimento ao alteamento (0,51 e 0,52, respectivamente). Em Cruz et al. (2008), o favorecimento de manutenção se revela pelas probabilidades de 0,29 para /e/ e de 0,44 para /o/ quando as mesmas ocupam o núcleo da sílaba. O mesmo acontece em Celia (2004), quando as tônicas médias apresentam 0,398 para /e/ e 0,337 para /o/, o que confirma os resultados aqui apresentados de que a presença dessas vogais na sílaba tônica favorece a manutenção das pretônicas.

3.2.2. Fonema vocálico da sílaba tônica quando a pretônica é nasal ou nasalizada

O segundo grupo de fatores selecionados refere-se à presença de nasalidade da pretônica-alvo, seja ela “a nasalidade transmitida por uma consoante nasal na mesma sílaba, como em *lança*”, seja ela “resultante do contato com uma nasal na sílaba seguinte” (CÂMARA JR., 1970 apud COLLISCHONN, 2005, p. 175). Assim, buscou-se identificar qual a vogal da sílaba tônica mais favoreceu a manutenção quando se tem pretônica nasal ou nasalizada. Segundo os resultados obtidos, são as vogais baixas (0,78), média aberta anterior (0,75) e média fechada anterior (0,64) que mais favorecem a manutenção das vogais médias pretônicas nasais ou nasalizadas, como se pode observar na Tabela 4 que segue.

Tabela 4 – Percentual e probabilidade de manutenção das médias pretônicas considerando o fonema vocálico da sílaba tônica quando a pretônica é nasal ou nasalizada

Fonema vocálico da sílaba tônica	Exemplos	Aplicação	Percentual	Peso relativo
[i]	s[e~]tiram, v[e~]dia, c[o~]nheci, c[o~]migo	30/129	23%	0,36
[e]	v[e~]dê, intr[e]guei, c[o~]mecei, c[o~]viver	17/30	57%	0,64
[e]	c[o~]mercio, pr[o~]messa ⁵	7/12	58%	0,75
[a]	s[e~]mana, s[e~]tado, c[o~]turbado, t[o~]mava	22/29	76%	0,78
[o]	s[e~]nhora, g[e~]niosa	3/15	20%	0,30
[o]	s[e~]nhor, t[o]mô, c[o~]meçô	11/36	31%	0,45

Fonte: SOUSA (2010, p. 66)

Conforme observado na tabela, as vogais [a], [e] e [e] também são predominantes em termos percentuais – 76%, 58% e 57%, respectivamente –, corroborando os pesos relativos fornecidos pelo programa. Essa sequência de favorecimento mostra que há um movimento crescente (a > e > e) quanto à altura da língua em presença de nasalidade: quanto mais baixa for a posição do corpo da língua na produção da vogal tônica, maior a probabilidade de a média pretônica nasal se manter. Isto pode ocorrer pelo fato de, em produção de sons [+ nasal], haver o abaixamento do véu palatino. Assim, o abaixamento do véu palatino somado ao traço [+ baixo] da vogal tônica pode ser considerado favorável à manutenção das médias pretônicas nasais.

3.2.3 Distância da vogal pretônica para a sílaba tônica

O terceiro grupo de fatores analisado diz respeito à distância da vogal média pretônica em relação à sílaba tônica, a partir de quatro distâncias: a distância 1, quando as sílabas são adjacentes, como em s[e]rviçu, p[o]rque; a distância 2, quando há uma sílaba interposta, como em cr[e]scimento, c[o~]viver; a distância 3, quando duas sílabas separam a tônica da pretônica, como em c[o~]nhecimento, f[e]licidade; e a distância 4, quando três sílabas separam a tônica da pretônica, como em imp[o]ssibilitado, im[e]diatamente.

⁵ Não houve ocorrências de manutenção da vogal média fechada anterior nasal ou nasalizada, quando o fonema vocálico da sílaba tônica é uma vogal média aberta anterior.

Os resultados mostraram que a distância 3 é fator predominantemente determinante para a manutenção das vogais médias pretônicas, pois essa variável apresentou probabilidade consideravelmente alta (0,92) em relação às distâncias 2 (0,72) e 1 (0,43), sendo a distância 1 a que menos favorece a manutenção das vogais médias pretônicas, como se pode observar na Tabela 5.

Tabela 5 – Percentual e probabilidade de manutenção das médias pretônicas considerando a distância da vogal pretônica para a sílaba tônica

Distância da vogal pretônica para a sílaba tônica ⁶	Exemplos	Aplicação	Percentual	Peso relativo
Distância 1	J[e]sus, pr[e]ciso, transf[o]rmou, pr[o]fissão	491/1160	42%	0,43
Distância 2	Pr[e]judica, p[e]rfurado, p[e]rguntou, c[o]mecei, s[o]lução	146/247	59%	0,72
Distância 3	f[e]licidade, r[e]ligião, m[e]dicamento, C[o]nhecimento, g[o]vernador, [o]ferecido	21/27	78%	0,92

Fonte: SOUSA (2010, p. 66)

A distância tem sido fator correntemente elencado para ser investigado nos trabalhos sobre as médias pretônicas. Celia (2004) mostrou que as distâncias 2 (0,548) e 3 (0,232) tendem a preservar as médias, enquanto a distância 1 (0,731) mostrou-se favorável ao alteamento.

Os resultados de Nina (1991) mostraram que as distâncias 3 (0,36) e 4 (0,12) eram desfavoráveis ao alteamento, o que confirma que essas são propiciadoras da manutenção. Da mesma forma, acontece em Oliveira (2007), em que a distância 3 apresentou probabilidade 0,04 para alteamento; logo, como mostrado em Celia (2004), Nina (1991) e Oliveira (2007), por exemplo, pode-se afirmar que quanto maior a distância da sílaba tônica, maior a probabilidade da pretônica manter-se como média.

3.2.4 Consoante do *onset*

Neste grupo de fatores, identificam-se as consoantes precedentes à vogal pretônica que mais favorecem a manutenção destas. Assim como em Campos (2008), por questão de economia na composição do grupo de fatores consoante do *onset*, adotamos a divisão com base nos traços distintivos: Coronais, Labiais e Dorsais. Os

⁶ Não são apresentados os resultados da Distância 4, pois tivemos que amalgamar os dados.

resultados mostram que *onsets* ramificados são os principais favorecedores da manutenção (**0,69**), sendo seguidos pelas consoantes coronais (**0,54**) e labiais (**0,51**), conforme mostrado na Tabela 6.

Tabela 6 – Percentual e probabilidade de manutenção das médias pretônicas considerando a consoante do *onset* da sílaba da pretônica-alvo

Consoante do <i>onset</i>	Exemplos	Aplicação	Percentual	Peso Relativo
Vazio	[e]goísta, [e]xiste, [o]brigando, [o]ferecido	10/35	29%	0,39
Labial	f[e] liz, b[e] bidas, v[e] stibular, em [o]ciona, p [o]rque	256/505	51%	0,51
Coronal	agrad[e]cido, caract[e]rística, par[e]cida, t [o]rcida, n [o]tícias, s [o]frido	206/467	44%	0,54
Dorsal	qu [e]brado, r [e]jeita, eg [o]ísta, c [o]nheci	119/324	37%	0,38
Ramificado	pr [e~]dia, agr [e]dindo, acr [e]ditar, apr [o]xime, hidr [o]vias	67/103	65%	0,69

Fonte: SOUSA (2010, p. 70)

O favorecimento dos *onsets* ramificados à manutenção pode ser provado com base em Dias *et al.* (2007). Neste estudo, investigaram-se os fatores mais favorecedores do alteamento e os *onsets* ramificados se apresentaram como os últimos favorecedores com 0,02 de probabilidade. As coronais apresentaram apenas 0,25 de favorecimento ao alteamento, sendo, portanto, uma variante que favorece a manutenção. Em Campos (2008) e em Oliveira (2007), a variante *onset* ramificado também não se apresentou favorável ao alteamento, registrando apenas 0,17 e 0,32 de probabilidade, respectivamente. Dessa forma, os baixos índices de probabilidade de favorecimento ao alteamento nos mostram que os *onsets* ramificados são muito favoráveis à manutenção das médias pretônicas, como registrado na Tabela 6 acima.

3.2.5 Peso silábico em relação à sílaba da variável dependente

Os resultados mostraram que a maior probabilidade de manutenção se dá quando se tem sílabas pesadas, pois tanto em termos percentuais (60%) quanto em termos probabilísticos (0,62), sua representação teve maiores índices, conforme exposto na Tabela 7.

Tabela 7 – Percentual e probabilidade de manutenção das médias pretônicas considerando o peso silábico em relação à sílaba da variável dependente

Peso silábico	Exemplos	Aplicação	Percentual	Peso Relativo
Leve	f[e]liz, p[e]ssoa, s[o]fri, c[o]nheci	463/1109	42%	0,46
Pesada	s[e]rviço, r[e]speita, d[o]rmí, inv[o]lver	195/325	60%	0,62

Fonte: SOUSA (2010, p. 71)

Os resultados aqui apresentados são confirmados nos estudos de Celia (2004) ao estudar a estrutura da sílaba, dividindo-a em aberta e travada, e que podem corresponder à classificação de leve e pesada, respectivamente, adotada aqui. Seus resultados mostraram que a estrutura sem o preenchimento da coda silábica é o ambiente mais propício ao alteamento, tanto das anteriores (0,605) quanto das posteriores (0,619), enquanto as sílabas travadas (ou pesadas), por sua vez, inibem o alteamento.

Nina (1991) registra a atuação da sílaba pesada como um fator de fraco favorecimento do alteamento com o peso relativo de 0,41, seguida de Oliveira (2007) com 0,35, e reforçado por Santos (2009) com 0,347. Assim sendo, estes autores também comprovam que as sílabas pesadas favorecem a manutenção das médias pretônicas.

3.2.6 Sufixos

Dos fatores morfológicos, este foi o único selecionado para ser investigado pelo programa *Varbrul*. Buscou-se verificar o comportamento dos sufixos quanto à variação das vogais médias pretônicas; para tanto, levamos em conta os sufixos com vogal alta, sem vogal alta e a ausência de sufixos. Os resultados, conforme a Tabela 8, mostraram que a ausência de sufixos é o fator que apresenta o peso relativo mais alto (0,52), embora próximo ao ponto neutro. Os fatores com vogal alta e sem vogal alta, ambos com peso relativo de 0,36, apresentaram-se pouco favorecedores à manutenção das vogais médias.

Tabela 8 – Percentual e probabilidade de manutenção das médias pretônicas considerando o tipo de sufixo do vocábulo contendo a vogal-alvo

Sufixos	Exemplos	Aplicação	Percentual	Peso Relativo
Com vogal alta	n[o]vinho, juv[e]nil, arquit[e]tura	17/47	36%	0,36
Sem vogal alta	amanh[e]cer, s[e~]timentos, r[e]almenti, g[e]niosa, c[o]nhecimento	37/94	39%	0,36
Sem sufixo	s[e]rviço, inf[e]ccção, d[o]cumento	604/1293	47%	0,52

Fonte: SOUSA (2010, p. 68)

Observamos, então, que a presença de sufixo tende a afetar as médias pretônicas no falar de Belém, seja ele com ou sem vogal alta, mesmo que a probabilidade seja pequena, uma vez que o peso relativo de ambas as categorias foram semelhantes (0,36). Relacionando estes resultados com o estudo de Dias et al. (2007) sobre o alteamento das vogais médias pretônicas na zona rural de Breves, verificamos que a ausência de sufixo não foi favorecedora do alteamento nessa pesquisa, o que ratifica a probabilidade de nossos resultados referentes à manutenção das vogais médias pretônicas quanto da ausência de sufixos em Belém.

3.2.7 Escolaridade do informante

O grupo de fatores Escolaridade tem sido frequentemente colocado em análise quando o assunto é variação das vogais médias pretônicas, pois procura-se saber qual a relação entre variação e escola, ou seja, o quanto o processo de escolarização pode influenciar no falar dos membros de uma comunidade. No presente trabalho não foi diferente: dos três grupos de fatores sociais postos em análise, o programa selecionou apenas dois como importantes para explicar a manutenção das vogais médias pretônicas na capital, a saber, escolaridade e faixa etária do informante.

Quanto à escolaridade, os resultados mostraram que os falantes com nível Fundamental são os mais propensos à manutenção das vogais médias (**0,61**), enquanto falantes não escolarizados (**0,47**) ou com nível médio (**0,44**) tendem a variar mais o uso das pretônicas. Os falantes com nível Superior encontram-se em ponto neutro (**0,50**), como pode ser conferido na Tabela 9.

Tabela 9 – Percentual e probabilidade de manutenção das médias pretônicas considerando a escolaridade do informante

Escolaridade do informante	Aplicação	Percentual	Peso Relativo
Não-escolarizado	354/777	46%	0,47
Fundamental	154/293	53%	0,61
Médio	67/171	39%	0,44
Superior	83/193	43%	0,50

Fonte: SOUSA (2010, p. 73)

Os resultados aqui apresentados mostram que, nos dois extremos do processo de escolarização, há tendência à manutenção das vogais médias pretônicas. Isto pode se dar pelo fato de no primeiro nível haver um maior contato com a forma escrita e esta influenciar na língua falada: é o momento em que se está “corrigindo” a fala, ou seja, se está apreendendo a norma culta. No nível Superior, volta-se ao uso das formas padrões, pois socialmente exige-se que o estudante universitário, independentemente de sua área de estudo, faça uso da forma padrão, considerada de maior prestígio.

Em Nina (1991), confirma-se a manutenção no nível Superior (**0,42**), mas para o nível Fundamental os resultados são opostos. Enquanto em Nina (1991), o nível Fundamental favorece o alteamento (**0,62**), no presente trabalho, esse nível favorece a manutenção (**0,61**), o que encontra respaldo em Cruz et al. (2008) com **0,44** de favorecimento à manutenção no nível Fundamental. Com base nisso, podemos afirmar que, no português falado na capital paraense, tanto da área rural quanto da área urbana, não se aplica a assertiva de outros trabalhos como Campos (2008), Dias et al. (2007) e Nina (1991) de que “quanto menor a escolarização maior a possibilidade de realização de alteamento”.

4.2.8 Faixa etária do informante

Assim como a escolaridade, a faixa etária é um dos elementos mais investigados nos estudos de variação linguística. Não é difícil perceber as diferenças entre o falar de uma criança, de um adolescente, de um jovem ou de alguém com uma idade mais avançada. Monteiro (2000 apud CAMPOS, 2008, p. 128) afirma essa diferença ao dizer que “uma pessoa idosa não deixa de sentir que diversos fatos linguísticos que existiam em sua juventude desapareceram ou se transformaram. Inversamente, um jovem pode constatar que certos traços presentes em seu modo de falar são evitados pelos mais

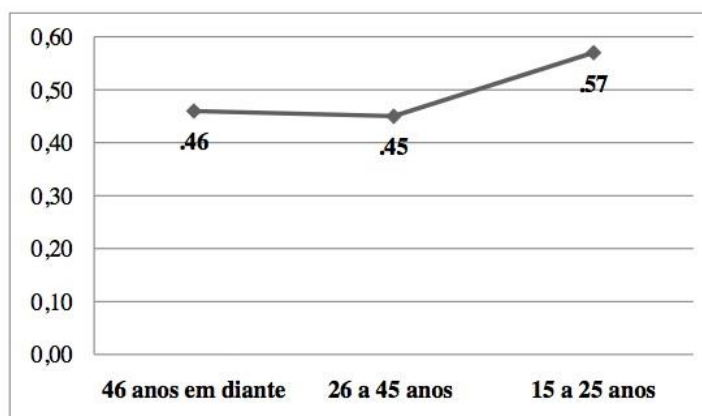
velhos”. Assim, pode-se observar que a primeira faixa etária investigada foi a mais favorável à manutenção das vogais médias pretônicas (**0,57**), enquanto a segunda e a terceira faixa etária foram desfavorecedoras (**0,46** e **0,45**, respectivamente), conforme mostram a Tabela 10 e o Gráfico 1 a seguir.

Tabela 10 – Percentual e probabilidade de manutenção das médias pretônicas considerando a faixa etária do informante

Faixa etária	Aplicação	Percentual	Peso relativo
15 a 25 anos	298/583	51%	0,57
26 a 45 anos	174/408	43%	0,45
Acima de 46 anos	186/443	42%	0,46

Fonte: SOUSA (2010, p. 74)

Gráfico 1 – Probabilidade de manutenção das médias pretônicas considerando a faixa etária do informante



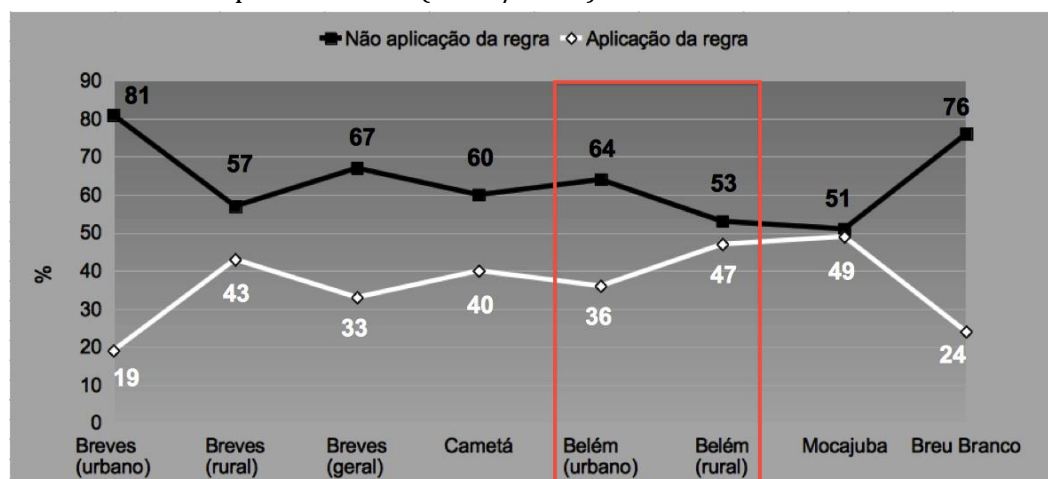
Fonte: SOUSA (2010, p. 75)

Os resultados aqui apresentados convergem com os resultados de Nina (1991), Campos (2008) e Dias et al. (2007). Nesses trabalhos, também houve maior índice probabilístico de alteamento na fala dos mais velhos, enquanto os falantes mais novos tendem à manutenção das médias pretônicas, o que corrobora os resultados referentes à escolaridade, pois se considera que, na primeira faixa etária, o falante ainda esteja sob as diretrizes do falar culto ensinado nas séries iniciais (nível Fundamental), e que assim tende a inibir o alteamento das vogais médias pretônicas.

3.2.9 A frequência das vogais médias pretônicas no português falado na Amazônia Paraense

Observando os resultados dos trabalhos realizados pelos pesquisadores do PROBRAVO (Norte/UFPA) sobre as variedades do português da Amazônia paraense, constatamos que há maior tendência à preservação das vogais médias pretônicas em detrimento do alçamento nos dialetos paraenses, conforme mostrado no Gráfico 2 abaixo.

Gráfico 2 – Percentual de alteamento e não alteamento das vogais médias pretônicas segundo os trabalhos realizados pelo Probravo (Norte/UFPA) com inclusão dos dados relativos a Belém



Fonte: Adaptado de Cruz (2012, p. 958)

Pode ser verificado que os percentuais de alteamento são baixos de modo geral nas zonas dialetais do Pará⁷, assim como a diferença entre alteamento e não alteamento chega a ser inexpressiva na maioria dos dialetos, como é o caso da área rural de Belém (53%) e de Mocajuba, cuja variação atinge ponto neutro com 51%.

Portanto, como já evidenciado por Cruz (2012), os estudos empreendidos pela equipe da UFPA ligada ao PROBRAVO têm buscado prioritariamente caracterizar o português regional paraense. Nesse sentido, seus resultados têm demonstrado uma tendência no uso das variantes das vogais médias pretônicas, com probabilidade de maior ocorrência de manutenção das médias pretônicas em detrimento do alteamento das mesmas, como constatado no Gráfico 2, inclusive com índices percentuais muito

⁷ Não consideramos aqui os índices destoantes da área urbana de Breves (81%) nem de Breu Branco (76%). Tais resultados levaram a equipe da UFPA a proceder a uma nova investigação dos mesmos com aplicação de uma metodologia diferenciada (CRUZ, 2012; FERREIRA; CRUZ, 2012; CRUZ et al., 2012).

próximos de ocorrência da manutenção das médias pretônicas entre as variedades investigadas (Breves (rural), Cametá, Mocajuba e Belém), como já assinalado acima.

Conclusão

Este artigo teve como objetivo investigar a variação das vogais médias pretônicas no português falado na área urbana do município de Belém (PA). Para isso, tomou-se como método de análise os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, segundo os quais se relacionaram elementos linguísticos e elementos sociais que pudessem explicar a variação das vogais médias pretônicas no dialeto em questão.

Para a realização do presente estudo, foram submetidos ao pacote de programas *Varbrul* um total de 1.434 dados selecionados na triagem de 48 relatos coletados de informantes pertencentes a uma amostra estratificada na qual foram controladas as variáveis sexo, escolaridade e faixa etária. Os resultados fornecidos pelo programa mostraram que, na área urbana da capital paraense, predomina a manutenção das vogais médias fechadas pretônicas (0,819), e que os grupos de fatores selecionados como favorecedores da manutenção foram os seguintes: I) fonema vocálico da sílaba tônica tanto no caso de pretônica oral quanto nasal ou nasalizada; II) distância da vogal pretônica para a sílaba tônica; III) sufixos; IV) consoante do *onset*; V) peso silábico em relação à sílaba da variável dependente; VI) escolaridade do informante e; VII) faixa etária.

Os dados demonstraram que a probabilidade de realização da variante média fechada é maior nos vocábulos sem sufixo, nas sílabas com ataque ramificado e nas sílabas pesadas. O papel da sílaba tônica é surpreendente, pois as vogais fechadas na tônica favorecem a manutenção das pretônicas orais; já no caso das pretônicas nasais, serão as vogais baixas que vão favorecer a sua manutenção. Na variedade belenense, quanto mais distante a pretônica estiver da sílaba tônica, maior probabilidade de a mesma se manter média fechada. É na fala dos mais jovens e que estão nos primeiros níveis de escolarização que há maior probabilidade de manutenção das médias pretônicas.

Verificamos que a variação das vogais médias pretônicas no português falado na cidade de Belém mantém-se igualmente estável como detectado por Nina (1991), porém

nossos dados registram uma probabilidade de manutenção bem maior que a detectada por aquela autora. Confirmamos grupos de fatores favorecedores da manutenção, como a distância da vogal pretônica em relação à sílaba tônica, o peso silábico e a faixa etária. Porém, os resultados referentes à escolaridade mostraram-se diferentes: no período estudado por Nina (1991), o nível Fundamental favorecia o alteamento das vogais médias pretônicas, enquanto no período estudado pelo presente trabalho, os falantes do nível Fundamental tendem já à manutenção dessas vogais, o que é importante para continuar afirmando que a língua, como elemento vivo, passa por vários processos e o que acontece em um dado momento pode deixar de acontecer em outro, assim como, o que acontece em um dialeto pode não acontecer em outro; exemplo disso foi a variável Escolaridade, pois em alguns dialetos as séries iniciais ou a não escolarização propiciam fenômenos como o alteamento, o que não acontece no dialeto da capital paraense, pois nessa área o nível Fundamental favorece a manutenção das médias pretônicas.

Após a apresentação dos resultados, pode-se concluir que a variação das vogais médias pretônicas no português falado na área urbana da cidade de Belém encontra-se de forma estável, uma vez que o uso de vogais médias fechadas se manteve em índices altíssimos em relação à realização de vogais altas e médias abertas, o que confirma a teoria de Câmara Jr. (1969) de que, em posição pretônica, prevalecem as vogais médias fechadas, bem como confirma a tese difundida no século XVIII de que “a pronúncia das vogais /e/ e /o/ pretônicas sempre fora realizada como média” (NINA, 1991, p. 22).

Referências

- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1969.
- CAMPOS, Benedita. *Alteamento vocálico em posição pretônica no português falado no Município de Mocajuba-Pará*. 2008. 202 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.
- CASTILHO, Ataliba de. *A língua falada no ensino do português*. São Paulo: Contexto, 2003.
- CELIA, Giannis. F. *Variação das vogais médias pretônicas no português de Nova Venécia – ES*. 2004. 114f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2004.
- COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. In: BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 101-133.

CRUZ, Regina et al. As vogais médias pretônicas no português falado nas ilhas de Belém (PA). In: ARAGÃO, M. do S. (org.). *Estudos em fonética e fonologia no Brasil*. João Pessoa: GT Fonética e Fonologia ANPOLL, 2008.

CRUZ, Regina. Vogais na Amazônia Paraense. *Alfa: Revista de Linguística*, v. 56, p. 945-972, 2012.

CRUZ, Regina et al. Desafios da Formação de *Corpus* nas Zonas de Migração do Norte do Brasil. In: PROCEEDINGS OF VIITH GSCP INTERNATIONAL CONFERENCE: SPEECH AND CORPORA. *Anais...* Firenze, Firenze University Press, 2012, p. 74-78.

DIAS, Marcelo; CASSIQUE; Orlando; CRUZ, Regina. O alteamento das vogais pré-tônicas no português falado na área rural do município de Breves (PA): uma abordagem variacionista. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. Porto Alegre, n. 9, vol. 5, jul. 2007. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/site2007/_pdf/9/artigos/>. Acesso em: 22 fev. 2013.

FERREIRA, Jany Eric; CRUZ, Regina. Aspectos Preliminares da Variação das Médias Pretônicas de Aurora do Pará-PA. In: PROCEEDINGS OF II CIDS. **Anais...** Belém, UFPA, set. 2012. Disponível em: <www.youblisher.com/p/540229-ANAIS-II-CIDS-2012/>. Acesso em: 24 mar. 2013.

FREITAS, Simone. *As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança*. 2001. 125f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

LABOV, W. *Language in the inner city*. Philadelphia: University Press, 1972.

NINA, Terezinha. *Aspectos da variação fonético-fonológica na fala de Belém*. 1991. 216f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

OLIVEIRA, Daniele. *Harmonização vocálica no português falado na área urbana do município de Breves/PA: uma abordagem variacionista*. 2007. Relatório Técnico-Científico (Iniciação Científica). Universidade Federal do Pará, 2007.

RAZKY, Abdelhak; SANTOS, Ednaldo. O perfil da vogal /e/ no estado do Pará. In: RIBEIRO, S. et al. (org.). *Dos sons às palavras*. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 17-39.

SANTOS, Ednaldo. *A distribuição geo-sociolinguística da variável <e> pretônica no português falado no estado do Pará*. 2009. 133f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

SOUSA, Josivane. *A Variação das Vogais Médias Pretônicas no Português Falado na Área Urbana do Município de Belém/PA*. 2010. 209f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

Recebido em março de 2013.

Aceito em junho de 2013.